



Revista
Educar Mais

A formação continuada potencializadora do antirracismo: metodologias ativas uma atitude de insubordinação criativa

Continuing education encouraging anti-racism: active methodologies an attitude of creative insubordination

La educación continua potenciando el antirracismo: metodologías activas una actitud de insubordinación creativa

Adriana Mello Almeida Martins¹ • Maria Simone Debacco²

RESUMO

O antirracismo é um movimento regulado pela Lei nº 10.639/03 no contexto da educação brasileira, todavia requer esforços para uma prática contínua e efetiva. O estudo versa sobre a necessidade de realizar cursos de formação continuada para potencializar essas ações. O racismo é um crime silencioso, com uma tímida atenção no mês de novembro, nos espaços educacionais. Aponta por objetivo geral identificar a necessidade de formação continuada para fins de efetivar o combate ao antirracismo nas escolas. Pretende problematizar os mecanismos de sujeição e de silenciamentos presentes em práticas de antirracismo no contexto educacional. O artigo procura, além de refletir sobre a prática de mudez para com situações de racismo, analisar e propor práticas de formação docente pautadas por ações de insubordinação criativa. Quanto ao método: é um estudo bibliográfico, do tipo descritivo-exploratório de abordagem qualitativa. O leitor vai encontrar elementos a se considerar no processo de educação continuada, a partir de uma metodologia ativa, conhecida por Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP).

Palavras-chave: Antirracismo; Insubordinação; Metodologias ativas; Formação docente.

ABSTRACT

Anti-racism is a movement regulated by Law nº 10.639/03 in the context of education, however, it requires efforts for a continuous and effective practice. The study deals with the need to carry out continuing education courses to enhance these actions. Its general objective is to identify the need for continuing education in order to combat anti-racism in schools. Regarding the method: it is a bibliographic study, of the descriptive-exploratory type with a qualitative approach. The reader will find elements to consider in the continuing education process, such as creative insubordination, and the use of an active methodology known as Project-Based Learning (APB) for continuous anti-racist action. These elements can trigger the mechanisms of subjection and gratification, enhancing anti-racism practices at school. Currently, according to the teachers' statements, racism is a silent crime, which has only received attention in the month of November, it is necessary to work on teacher training, provoking an action of creative insubordination; active methodologies such as the PBL promise to increase subjection, gratification and, therefore, the satisfaction of teachers in the search and production of anti-racist content and methods.

Keywords: Antiracism; Insubordination; Active methodologies; Teacher training.

¹ Licenciada em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e Mestranda Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora da rede municipal de Bagé/RS – Brasil. E-mail: melloalmeidamartinsa@gmail.com

² Licenciada em Pedagogia, Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Educação (UFPEL), Pelotas/RS – Brasil. E-mail: msdebacco@gmail.com

RESUMEN

El antirracismo es un movimiento regulado por la Ley nº 10.639/03 en el ámbito de la educación, sin embargo, requiere esfuerzos para una práctica continua y eficaz. El estudio aborda la necesidad de realizar cursos de educación continua para potenciar estas acciones. Su objetivo general es identificar la necesidad de educación continua para combatir el antirracismo en las escuelas. En cuanto al método: se trata de un estudio bibliográfico, de tipo descriptivo-exploratorio con abordaje cualitativo. El lector encontrará elementos a considerar en el proceso de educación continua, como la insubordinación creativa y el uso de una metodología activa conocida como Aprendizaje Basado en Proyectos (ABP) para la acción antirracista continua. Estos elementos pueden desencadenar los mecanismos de sujeción y gratificación, potenciando las prácticas antirracistas en la escuela. Actualmente, según declaraciones de los docentes, el racismo es un delito silencioso, que recién ha recibido atención en el mes de noviembre, es necesario trabajar en la formación docente, provocando una acción de insubordinación creativa; metodologías activas como el ABP prometen aumentar la sujeción, la gratificación y, por tanto, la satisfacción de los docentes en la búsqueda y producción de contenidos y métodos antirracistas.

Palabras clave: Antirracismo; Insubordinación; metodologías activas; Formación de profesores.

1. INTRODUÇÃO

A Lei nº 10.639, de 2003 foi instituída com a finalidade de combater o racismo, de forma que se constitui de um instrumento, com ação antirracista, que estabelece a obrigatoriedade da inserção do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, no currículo da Rede de Ensino, nas etapas de ensino fundamental e médio, das escolas brasileiras. Muito embora institua a prioridade da aplicação do tema, nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História, grifo no Art. n.º 26 § 2º no qual o tema, necessariamente, precisa ser engajado em todas as disciplinas que constituem a grade curricular. Todavia no seu Art.º79-B determina, o dia 20 de novembro como "O Dia Nacional da Consciência Negra" (BRASIL, 2003), detalhe ao que parece, apegarem-se muitos docentes, ao observar que somente no mês de novembro a cultura negra é tema emergente que precisa ganhar voz, na escola.

Em sua vez, 'pensar a escola' e o antirracismo, é não naturalizar o inaceitável! O racismo, não pode ser atribuído e aceito socialmente por nenhuma instituição, que dirá a Educação. Contudo é um desafio fazer resistência a esses 'acomodamentos', que resultam de respostas ausentes e/ou de respostas constitutivas de práticas discriminatórias. A constância, nesse combate, é imprescindível. Incentivar, desenvolver, provocar os respectivos integrantes (docentes, estudantes, equipe técnica) a experimentar mudanças de concepção, de atitudes e conseqüentemente, ações antirracistas é papel da escola.

Assim, quando ocorre reflexão em relação a este quadro, percebe-se barreiras impostas por silenciamentos e negação da existência de preconceitos raciais. Pode-se estar diante de um crime perfeito, como bem refere-se um estudo de Munanga (2010). Evitar se falar no racismo é considerar que este sentimento não existe, ou ainda, para não despertar opositores, torna-se uma atitude de racismo disfarçado, que fortalece e naturaliza a 'estrutura' da discriminação racial.

Considerando que o conceito de:

Insubordinação Criativa aplicada à docência, [...] aponta para a preocupação com a qualidade de vida dos sujeitos e para ações que, sobretudo, contemplem a ética e a democracia [...] A educação antirracista precisa de autoinsubordinações criativas para perseverar, pois o racismo estrutural [...] ainda persiste em nossa sociedade. (FARIAS; LINS; BRIÃO; 2021 p. 91 - 104).

Persistir em problematizar o 'arranjo racista' que permanece em nossas relações cotidianas, com as contribuições de autoras/es como Gomes (2005), Debacco (2010), González (1995), entre outros, poderá auxiliar na visibilidade do 'pensamento' daqueles que elegem percorrer o caminho silencioso do racismo. Cabe, portanto, ao trabalho teórico mostrar como funciona o pensamento e como ele afeta a realidade. Porém, considera-se por hipóteses que é necessário que se desenvolva um trabalho de formação continuada direcionado ao desenvolvimento de ações reflexivas na escola. Ações estas que sejam capazes de permitir uma frequência audível e nítida do quanto ainda o racismo insiste na atualização perversa da discriminação. Atualiza-se um modo de ser, de todos os envolvidos no processo educativo, ao silenciarmos diante de situações de intolerância e violência tão características de sociedades, nas quais o racismo predomina.

O campo da prática docente vibra em inúmeros modos de ser, diferente do que estamos sendo. Para Debacco (2010) o sujeito é a atualização de uma certa imagem, uma dentre as possíveis de um campo que aparece como o resultado de um embate reflexivo, entre o que poderia ter sido e o que foi, com as infinitas potencialidades de 'vir a ser'. O que 'estamos sendo' quando silenciamos diante uma situação que clama por um posicionamento contundente? Os inúmeros modos de ser e de estar professor (a), no mundo, na maioria das vezes, como profissionais da educação dedicados e idealistas, atravessam tempos fundamentais na vida de todos... todos os indivíduos 'devem' frequentar a escola, uma vez que cabe a ela formar o indivíduo moral e politicamente, ensinando-o a conduzir a sua própria vida.

Assim, cursos de formação docente podem potencializar discussões sobre a necessidade de reinventarmos práticas antirracistas. Práticas que tracem discussões ancoradas numa 'insubordinação criativa', que de acordo com D'Ambrosio e Lopes (2015), ao considerar-se a insubordinação criativa, é possível redimensionar as práticas dos educadores de forma crítica e comprometida com a democracia, a justiça social, a ética e a solidariedade.

Comprometer-se com a ética e com a solidariedade através, do trabalho colaborativo entre todos os integrantes dos espaços da escola, justifica-se, desse modo, uma comunidade escolar, que não silenciará! Significa poder reinventar-se diante de questões comportamentais, como as condutas carregadas de preconceitos. Dessa forma colocam-se em pauta discussões sobre complexidade educativa, da prática reflexiva e do trabalho colaborativo. Todavia, as metodologias ativas, neste sentido podem se constituir como contributivas, uma vez que ao propor a elaboração de um projeto, que aborde questões étnicas e raciais, abre caminho para pensar sobre o antirracismo.

Para este estudo utiliza-se o método bibliográfico, segundo Minayo (1994), ... a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. Em relação a abordagem deste estudo, escolheu-se a qualitativa, que conforme Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos, em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por ele. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem. Assim foi escolhido o tipo de pesquisa descritivo-investigativa, de acordo com Gil (2017). é aquela que descreve a realidade, como o próprio nome diz, e o estudo em questão, apresenta a necessidade de intervenção no contexto

investigado. Em colaboração com o estudo, foram realizadas buscas em artigos científicos, teses e dissertações, considerando a pertinência dos conteúdos e dos descritores sobre o 'antir racismo', o 'racismo', a 'formação de professores', as 'metodologias ativas' e 'insubordinação criativa'.

Aponta por objetivo geral identificar a necessidade de formação continuada docente, para fins de efetivar o enfrentamento ao racismo, a não naturalização ao inaceitável, presente nas relações constitutivas no dia a dia das escolas. Cabe destacar métodos e elementos que podem incitar ações de insubordinação criativa, bem como analisar as possibilidades de uso da metodologia ativa conhecida por Aprendizagem Baseada em Projetos (APB) para responder de modo, minimamente, sensato às situações de discriminação presentes no convívio educacional.

É diante desta abordagem que surgem questões que norteiam a escrita deste artigo, tais como: Como transformar práticas racistas em práticas antirracista? De que modo a formação continuada potencializa o combate ao antirracismo? O uso de metodologias ativas para combate ao racismo, tende a auxiliar na formação de uma postura de insubordinação criativa no que refere ao antirracismo?

Toda está explanação acima descrita, será desenvolvida de forma mais aprofundada, nos seguintes tópicos: (a) O marco histórico do movimento antirracista e a educação continuada, (b) Metodologias Ativas uma atitude de insubordinação criativa no processo de educação continuada (c) Considerações finais.

2. O MARCO HISTÓRICO DO MOVIMENTO ANTIRRACISTA E A EDUCAÇÃO CONTINUADA

Em 1945, após a segunda guerra mundial a ONU - Organização das Nações Unidas, regula na Carta das Nações Unidas os direitos humanos, conferindo a homens e mulheres direitos iguais. Três anos a frente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, efetiva o princípio da igualdade e no seu Art. 2º, "defende o direito e as liberdades sem qualquer discriminação" (GOES; SILVA, 2013, p.10).

No Direito Internacional observa-se que:

Um dos primeiros instrumentos [...] relacionado com o combate direto à discriminação racial, de forma específica, foi aprovado no âmbito da Organização Internacional do Trabalho (OIT), agência especializada da ONU que foi constituída em 1919, antes mesmo da formação do Sistema das Nações Unidas. Nessa organização, os documentos são aprovados pela Conferência Internacional do Trabalho, por deliberação tripartite – por meio de representações do governo, empregadores e trabalhadores de cada Estado membro. A Convenção nº 111 relativa à Discriminação em matéria de Emprego e Ocupação (OIT, 1958) representa um dos marcos no combate à discriminação racial, por tratar de um dos campos mais importantes da vida social e no qual, efetivamente, a discriminação se dá de forma corriqueira, indireta e com ampla repercussão na trajetória dos indivíduos. (GOES; SILVA, 2013, p.11).

Em 21 de março do ano de 1960, após o massacre de *Shaperville*, onde foram sacrificados 69 negros, em um protesto, realizado pelo Congresso Pan-Africano (PAC), foi instituído pela ONU o dia internacional pela eliminação da discriminação racial (PIOVESAN; SILVA; 2021). Este protesto pregava contra a Lei do Passe, que obrigava os negros da África do Sul a usarem uma caderneta na qual estava escrito aonde eles poderiam ir na África do Sul. Há outras formas, ainda hoje, de dizermos onde os negros podem estar... constata-se que o número de negros que não frequentam a escola,

ou que evadem, além de refletir 'os lugares destinados' também retratam as desigualdades que permanecem.

Assim compreende-se que o antirracismo é um movimento, que precede a Lei nº 10.639/03, bem como, um instrumento que marca uma mudança radical, um rompimento de estigmas sociais. Partindo, através de sua aplicação na escola, a lei promove um salto, preconizando tornar efetiva a aceitação do sujeito negro na sociedade, e estimulando a sua valorização, quanto sujeito de direitos e de 'permanências'.

Contudo, observam-se uma disseminação de trabalho científicos, e escritos no formato de livros e teses que revelam a ineficácia da Lei, quanto instrumento antirracista. Como exemplo destacam-se estudos de Gomes (2003), Morrison (2019), Hooks (2019), Almeida (2019), Ribeiro *et al.* (2019), Kilomba (2019) entre outros, em que se contemplam narrativas autobiográficas que acusam a prevalência do racismo. As falas são, portanto, valorizadas como reveladoras de uma realidade cruel, na qual o racismo perdura. Nestas obras em que as falas/narrativas são a metodologia em destaque os personagens atuam como protagonistas na formação de um conhecimento antirracista, além de favorecerem um reconhecimento de suas dores resultantes da opressão e das lutas como forma de resistência. Tais escritos são instrumento de luta pela equidade e pelo respeito humano. Podem ser comparadas a armas empunhadas em defesa do cumprimento da lei. Diante destas obras autobiográficas formadas por relatos, confrontamo-nos com a necessidade de compreender o papel do educador. Observa-se que embora os discursos e as expectativas recaiam sobre o professor como se este fosse o salvador, não podemos esquecer que, como classe, os sinais de precarização da profissão docente são cada vez mais manifestos. Segundo Debacco (2010) alguns destes sinais asseguram mecanismos de sujeição reveladores de obediência, pois ultrapassam a compreensão reducionista de submetimentos, de sujeitamentos como meramente impostos à vontade de obedecer.

O poder da sujeição não atua simplesmente oprimindo ou dominando subjetividades, mas operando na sua produção. Para além de mostrar o modo como nos colocamos diante dos fatos, operadores de dominação podem legitimar toda uma rede de relações estabelecidas entre elementos heterogêneos, como, por exemplo, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Os operadores de dominação (sofrimento, renúncia e gratificação) se apóiam uns nos outros operando/controlando as relações de obediência, regulando, portanto, aquilo no que vamos nos tornando. DEBACCO, p 25, 2010).

Ao silenciarmos, ao não falarmos, ao falarmos somente para argumentarmos que não existe racismo no ambiente escolar, estamos desta forma, consolidando subjetividades, na qual predomina o desrespeito às diferenças, à ética e à necessária solidariedade humana. Aprendemos num sofisticado jogo, que se reafirma nos comportamentos de submetimentos, que há interesses próprios, de cada um, em obedecer e em desobedecer a si mesmo e aos outros. Permanecer no exercício de uma profissão com tantas perspectivas de 'virar o jogo' e escolher a vozearia, configura-se um poderoso caminho de insubordinação e de luta.

De outra forma um estudo de Farias, Lins e Brião (2021) refere que há necessidade de que se busquem

[...] práticas educativas que contemplem a luta antirracista, traçando de forma histórica a inserção dos negros no sistema educacional brasileiro como um ato em si insubordinado, que rompe com as aspirações sociais e políticas no decorrer da História e, ainda, aponta para a relevância do docente que, inserido na luta pela educação democrática e antirracista, visando a qualidade de vida e de aprendizagem dos

educandos, rompe com os padrões eurocêntricos enraizados no sistema educacional brasileiro e de forma ética se apresenta insubordinado criativo. (FARIAS; LINS; BRIÃO. 2021, p.88).

Nisto se reconhece que a formação continuada pode ser uma 'direção' para a consolidação do antirracismo. Tomar a fala por um instrumento que revela, despe, destrói e reconstrói modos de ser éticos e solidários, pode trazer qualidade de vida a todos os seres, independente do tom que o reveste.

Nesta perspectiva, contempla-se o posicionamento de Gatti (2008) em relação ao conceito de educação continuada:

[...] qualquer atividade que venha contribuir para o desempenho profissional – horas de trabalho coletivo na escola, reuniões pedagógicas, trocas cotidianas com os pares, participação na gestão escolar, congressos, seminários, cursos de diversas naturezas e formatos, oferecidos pelas Secretarias de Educação ou outras instituições para pessoal em exercício nos sistemas de ensino, relações profissionais virtuais, processos diversos a distância (vídeo ou teleconferências, cursos via internet etc.), grupos de sensibilização profissional, enfim, tudo que possa oferecer ocasião de informação, reflexão, discussão e trocas que favoreçam o aprimoramento profissional, em qualquer de seus ângulos, em qualquer situação. Uma vastidão de possibilidades dentro do rótulo de educação continuada. (GATTI, 2008, p.57).

O antirracismo, passa então a se tratar de um elemento cultural a ser talhado no tempo presente, mudando o futuro de forma ativa. Nisto se reconhece as contribuições que as metodologias ativas podem trazer no processo de formação continuada.

2.1 Metodologias Ativas uma atitude de insubordinação criativa no processo de educação continuada

Considerando-se a necessidade de que a educação continuada transpasse uma dimensão contemporânea para que seja uma prática mais efetiva e prazerosa, onde os docentes aprendam com gosto, satisfação adotando novas posturas, verifica-se a necessidade de que se abordem conceitos respectivos a insubordinação criativa e as metodologias ativas. Como refere o estudo de Farias, Lins e Brião (2021, p.88) a insubordinação trata-se de "o ato de oposição ao *status quo*, ou ao estado das coisas". Para os autores, na perspectiva referente ao combate ao racismo, a insubordinação criativa advém dos movimentos sociais, na qual a prática leva a uma ação de desafios ou mesmo, a uma ação contra ao estado das coisas, uma ação criativa. Explica o autor:

No que se refere à educação básica brasileira, os modelos e práticas estiveram entrelaçados por muito tempo aos parâmetros eurocêntricos e a uma historiografia segundo a versão do colonizador. Foi preciso que os movimentos sociais lutassem e pressionassem para que leis fossem criadas a fim de que as escolas inserissem nos currículos a contribuição da história e cultura afro-brasileira e indígena na formação da sociedade brasileira, até então negada e desconhecida por grande parte dos estudantes. (FARIAS; LINS; BRIÃO, 2021, p.88).

A insubordinação criativa foi observada pelos autores Farias, Lins e Brião (2021) como uma ação ocorrida de fora para dentro da escola, o que se pode reconhecer como uma perspectiva externa. Nesta perspectiva as metodologias ativas despontam como predisponente a auxiliar o docente em sala de aula, uma vez que estas podem contribuir com a formação de sujeitos autônomos. Kalantzis & Cope (2019) referem às Metodologias Ativas como possibilidades abertas aos estudantes de fazerem parte do processo de aprendizagem, no uso do compartilhamento de experiências e interesses, experienciando atitudes de autonomia no seu processo de aprendizado,

Em especial a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) uma metodologia ativa que se vale de questões alinhadas a conteúdos curriculares, se enquadra de forma harmônica no propósito de inserir o antirracismo como tema emergente. Esta metodologia orienta um processo de investigação integrada à aprendizagem baseada em projetos. Segundo Bender (2014) trabalha-se projetos autênticos, realidades transformadas em questões na qual há uma valorização da fala, e uma satisfação o que implica uma prática de insubordinação criativa, desta forma aplicando ABP no processo de educação continuada em combate ao antirracismo. Viabiliza-se uma mudança de postura interna dos docentes em suas práticas, em seu contexto de atuação, na qual favorece uma ruptura nesse silêncio discriminatório e criminoso.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contempla-se no delineamento da luta contra as desigualdades raciais, que o movimento antirracista existe desde os primórdios dos tempos. Antecedendo às Leis específicas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos é um dos primeiros instrumentos que concorre para o combate ao racismo. Sabendo que os princípios dos Direitos Humanos são direitos constitucionais direcionados a todos os indivíduos é inadmissível que prevaleça o racismo. Todavia a instituição dos documentos subsequentes, implicam uma consciência de que o racismo esteve e ainda está impregnado nas raízes culturais, podendo permanecer por longos anos.

Neste contexto a formação continuada na educação compreendida como um trabalho de reflexão sobre finalidades, meios e práticas, atenta para dar sentido, ou mesmo esclarecer em como desenvolver ações antirracistas de forma contínua, ininterrupta, ao mesmo tempo que o uso de metodologias ativas, tais como a Aprendizagem Baseada em Projetos – ABP contribui, assegurando a proposta de insubordinação criativa. Assim, nesta perspectiva de problematização da prática e um repensar docente, a partir de alguns mecanismos de sujeição, abrem portas, para novos olhares e discussões, que venham a revisar como encontra-se o trabalho docente, em relação a sua resistência e coragem. Diariamente no ambiente escolar, no que tange ao uso natural de estratégias de ensino antirracistas, a proposta merece maiores aprofundamentos, pois tende a contribuir para que o antirracismo seja uma atitude docente constante.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. (Feminismos Plurais / coordenação e Djalma Ribeiro). São Paulo: Pólen 2019. Disponível em: https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em 10 mar. 2022.

BENDER, William N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso, 2014.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil. Sibchefica para assuntos jurídicos. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências

DEBACCO, Maria Simone. **Realização Docente: mecanismo de sujeição e gratificação**. 2009, 100f. (tese de doutorado) Orientador Prof. Dr. Marcos Villela Pereira, Programa de Pós-graduação em

Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3656/1/422944.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

D'AMBROSIO, Beatriz Silva e LOPES, Celi Espasandin. **Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático**. Bolema, Rio Claro (SP), v. 29, n.2015.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bolema/a/XZV4K4mPTfpHPRrCZBMHxLS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em março de 2022.

FARIAS, Carla Cristina Goulart; LINS, Mônica Regina Ferreira; BRÍAO, Gabriela Felix. Educação antirracista: convite a insubordinação criativa. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 14, n. 1, p. 88-110 Jan/Abr 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/1018/0>. Acesso em: 24 abr. 2022.

GATTI, Bernadete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, v.13, n. 37, p.57 – 70. Jan / abr, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vBFnySRRBJFSNFQ7gthybkH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 31 de mar. De 2022.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

GOES, Fernanda Lira; SILVA, Tatiana Dias. **O regime internacional de combate ao racismo e à discriminação racial**. Texto para discussão 1882. IPEA, Por um Brasil desenvolvido. Rio de Janeiro, outubro de 2013. Disponível em:

<https://www.econstor.eu/bitstream/10419/90948/1/776490834.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2003. Universidade de São Paulo, v. 3, 2012. Disponível em:

<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2021.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista**, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. The teacher as designer: Pedagogy in the new media age. **E-learning and Digital Media**. 7(3). 2010. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/elea.2010.7.3.200>. Acesso em: 10 mar. 2022.

KALANTZIS, M., & Cope, B. (2010). The teacher as designer: Pedagogy in the new media age. *E-learning and Digital Media*. 7(3).

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: _____. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

MORRISON, Toni. **The origin of others/ A origem dos outros**. Seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras 2019.

MUNANGA, Kabengele. Nosso racismo é um crime perfeito – Entrevista com Kabengele Munanga. Publicada em 08/09/2010 Site da Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/>. Acesso em 25 mar. 2020.

PIOVESAN, Flávia; ALBUQUERQUE, Silvio. **Combate ao Racismo**. Desafios para fortalecer o combate à discriminação racial e a promoção da igualdade. São Paulo: Expressa, 2021. (e-book). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=_bk-EAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=combate+ao+racismo&hl=pt-PT&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=combate%20ao%20racismo&f=false. Acesso em: 10 mar. 2022.

RIBEIRO, Djamila *et al.* **Pequeno Manual Antirracista**. Cia das Letras. 2019,

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Submissão: 30/11/2022

Aceito: 31/01/2023